

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano VI — Número 65

Maio de 1968

A Morte de Cristo

*Aqui onde venceu a morte à vida,
Aqui vencido tem a vida à morte;
Aqui onde subiu mais alto a morte,
Aqui a fez descer mais baixo a vida.*

*Aqui onde matou a morte à vida,
Aqui morta deixou a vida à morte;
Aqui onde se viu mais dura a morte,
Aqui também se vê mais forte a vida.*

*Por que pudésseis dar tão alta vida,
Quisestes padecer tão baixa morte,
Assim que em vossa morte, tenho vida,*

*Pois sendo vossa a vida, e vossa a morte,
Com vossa vida compro a doce vida,
Com vossa morte pago a dura morte.*

Baltazar Estação
(Século XVII)

A Pedra Sobre que Está Edificada a Igreja

por Ernesto Ferreira

O fim da vida de Jesus aproximava-se. Acompanhado por Seus discípulos, fez uma viagem para além da Galileia, a uma região onde predominava a idolatria, não tanto para ali pregar, como para dar aos que haviam de continuar a Sua obra uma visão da própria responsabilidade para com os pagãos.

Jesus desejava preparar os discípulos para presenciarem os sofrimentos que O aguardavam. Antes disso, porém, ofereceu-lhes a oportunidade de confessarem e firmarem a Sua fé n'Ele. E assim perguntou-lhes: «Quem dizem os homens ser o Filho do homem?»

Depois de terem referido as opiniões correntes, Jesus continuou: «E vós, quem dizeis que Eu sou?»

Simão Pedro, respondendo, disse: «Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo». Em contraste com as ideias erradas dos judeus, Pedro confessou a sua fé de que Jesus não era um simples homem, nem o libertador político da oprimida nação judaica, mas o próprio Filho de Deus, o Salvador.

Embora a sua atitude fosse em geral influenciada pelas ideias materialistas correntes acerca do Messias, naquele momento Pedro tinha a verdadeira visão do carácter e da missão de Jesus. Por isso lhe disse o Mestre: «Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas Meu Pai que está nos céus».

E prossegue: «Pois também Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja».

///

Quem é a pedra sobre que está edificada a Igreja de Cristo?

A exegese do texto deve ser enquadrada no seu conjunto. O ponto central deste diálogo é a declaração de que Cristo é o Filho de Deus vivo. O próprio Pedro, se lhe não fora divinamente revelado, teria sido incapaz de proferir tal afirmação. Ora é sobre essa verdade basilar de que *Cristo* é o Fi-

lho de Deus que a Igreja *Cristã* seria edificada.

No texto grego, o único que possuímos, é feita uma distinção entre Pedro (*Petros*) e pedra (*petra*). *Petra* designa uma rocha, uma grande pedra inamovível; *petros* designa uma pequena pedra, um seixo móvel.

É certo que o Evangelho de Mateus não foi escrito em grego, mas em aramaico. Quais terão sido as palavras exactas empregadas pelo Mestre? Ninguém o poderá dizer até que apareça o texto original. Pretendem alguns que Pedro e Pedra sejam a tradução da mesma palavra aramaica *Kepha*. Mas quem o poderá provar? Em vez dessa anfibologia, não terá Jesus empregado duas palavras diferentes, cujos cambiantes de sentido tenham sido respeitados pelo tradutor para grego?

De qualquer modo, não podia Jesus ter dito que a Sua Igreja seria edificada sobre um homem falível e mortal. Tal afirmação, além de absurda, teria sido contrária ao ensino de toda a Bíblia Sagrada.

A Pedra Inamovível ou Rocha no Antigo Testamento

Com efeito, ao compulsarmos o Antigo Testamento, encontramos umas trinta vezes essa designação atribuída a Deus ou ao Seu Cristo.

Lemos assim em Deuteronomio: «Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita, porque todos os Seus caminhos juízos são». «Engordando-se Jesurun ... deixou a Deus que o fez, e desprezou a Rocha da sua salvação». «Esqueceste-te da Rocha que te gerou, e em esquecimento puseste o Deus que te formou». «Como pode ser que um só perseguisse mil, e dois fizessem fugir dez mil, se a sua Rocha os não vendera, e o Senhor os não entregara?» (Deut. 32:4, 15, 18, 30).

Nos livros de Samuel, lemos: «Não há santo como é o Senhor; porque não há outro fora de Ti, e rocha nenhuma há como o nosso Deus». (1 Sam. 2:2). «Disse pois: O Senhor é o meu rochedo, n'Ele confiarei». «Quem é Deus, senão o Senhor? E quem é

Rochedo, senão o nosso Deus?» «Vive o Senhor, e bendito seja o meu Rochedo, e exaltado seja Deus, a Rocha da minha salvação». «Disse o Deus de Israel, a Rocha de Israel a mim me falou...» (2 Sam. 22:2, 32, 47; 23:3).

Sobretudo os Salmos abundam em declarações dessa natureza: «O Senhor é o meu Rochedo, e o meu lugar forte, e o meu libertador; o meu Deus, a minha fortaleza, em quem confio; o meu escudo, a força da minha salvação, e o meu alto refúgio». «Quem é Deus, senão o Senhor? E quem é rochedo senão o nosso Deus?» «O Senhor vive; e bendito seja o meu Rochedo, e exaltado seja o Deus da minha salvação». «Sejam agradáveis as palavras da minha boca e a meditação do meu coração perante a Tua face, Senhor, Rocha minha e Libertador meu». «A Ti clamarei, ó Senhor, Rocha minha; não emudeças para comigo». «Inclina para mim Teus ouvidos, e livra-me depressa; sê a minha firme Rocha, uma casa fortíssima que me salve». «Porque Tu és a minha Rocha e a minha Fortaleza». «Direi a Deus, a minha Rocha: Porque Te esqueceste de mim?» «Desde o fim da Terra clamo a Ti, por estar abatido o meu coração; leva-me para a Rocha que é mais alta do que eu». «Só Ele é a minha Rocha e a minha salvação; é a minha defesa, não serei grandemente abalado». «Sê Tu a minha habitação forte, à qual possa recorrer continuamente; deste um mandamento que me salva, pois Tu és a minha Rocha e a minha Fortaleza». «A minha carne e o meu coração desfalecem; mas Deus é a fortaleza (hebraico, a Rocha) do meu coração, e a minha porção para sempre». «E lembravam-se de que Deus era a sua Rocha, e o Deus Altíssimo o seu Redentor». «Ele Me invocará dizendo: Tu és meu Pai, meu Deus, e a Rocha da minha salvação». «Vinde, cantemos ao Senhor, cantemos com júbilo à Rocha da nossa salvação». (Sal. 18:2, 31, 46; 19:14; 28:1; 31:2, 3; 42:9; 61:2; 71:3; 73:26; 78:35; 89:26; 95:1).

Pela primeira vez, é feita pelo salmista referência à pedra rejeitada que se tornou cabeça de esquina, pedra essa cujo simbolismo Jesus aplicará a Si próprio: «A pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se cabeça de esquina». (Sal. 118:22).

Em Isaías ocorre com frequência a palavra «rocha» no mesmo sentido: «Porquanto te esqueceste do Deus da tua salvação,

e não te lembraste da Rocha da tua fortaleza». «Confiai no Senhor perpétuamente; porque o Senhor Deus é uma Rocha eterna». «Um cântico haverá entre vós... para vir ao monte do Senhor, à Rocha de Israel». «Será aquele Varão como um esconderijo contra o vento, e um refúgio contra a tempestade, como ribeiros de águas em lugares secos, e como a sombra de uma grande rocha em terra sedenta». «Não, não há outra rocha que eu conheça». «Ouvi-me, vós os que seguís a justiça, os que buscais ao Senhor; olhai para a Rocha donde fostes cortados, e para a caverna do poço donde fostes cavados». (Isa. 17:10; 26:4; 30:29; 32:2; 44:8; 51:1).

Também este profeta faz referência à pedra que fora rejeitada e finalmente aproveitada como pedra de esquina na construção do templo: «Portanto assim diz o Senhor Jeová: Eis que Eu assentei em Sião uma pedra, uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina, que está bem firme e fundada; aquele que crer não se apresse». (Isa. 28:16).

O último profeta do Antigo Testamento que se refere à Rocha é Habacuc. Exclama ele: «Não és Tu, desde sempre, ó Senhor meu Deus, meu Santo? Nós não morreremos. Ó Senhor, para juízo o puseste, e Tu, ó Rocha, o fundaste para castigar». (Hab. 1:12).

Os povos idólatras depunham confiança nos seus deuses. Mas, na sua inanidade, esses deuses não mereciam confiança. «De medo passará a sua rocha, e os seus príncipes se assombrarão da bandeira, diz o Senhor, cujo fogo está em Sião e cuja fornalha em Jerusalém». «A sua rocha não é como a nossa Rocha, sendo até os nossos inimigos juizes disto». (Isa. 31:9; Deut. 32:31; cf. Deut. 32:37).

A Pedra Inamovível ou Rocha no Novo Testamento

Acerca daquele que baseia a sua fé na palavra de Jesus, lemos: «Todo aquele que escuta estas Minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; e desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha». (Mat. 7:24, 25).

Referiu-se ainda o Mestre, aplicando-a a Si próprio, à pedra de esquina mencionada

por David e Isaías: «Nunca lestes nas Escrituras: A pedra, que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça de ângulo; pelo Senhor foi feito isto e é maravilhoso aos nossos olhos?» «Mas Ele, olhando para eles, disse: Que é isto pois que está escrito? A pedra, que os edificadores reprovaram, essa foi feita cabeça da esquina. Qualquer que cair sobre aquela pedra ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair será feito em pó». (Mat. 21:42; Luc. 20:17, 18).

O apóstolo Paulo, procurando mostrar como Cristo já acompanhava Israel na travessia do deserto, escreve: «Beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo». (1 Cor. 10:4).

Também ele se refere a Cristo como sendo a principal pedra de esquina do edifício da Igreja: «Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina». (Efes. 2:20).

É por isso que o apóstolo ensina: «Ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo». (1 Cor. 3:11).

Interpretação do Apóstolo Pedro

A melhor evidência de que Cristo não designou Pedro como rocha ou pedra inamovível sobre a qual seria edificada a Igreja encontra-se na maneira como este apóstolo se referiu a Cristo.

Segundo ele, Cristo «é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina. E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos». (Act. 4:11, 12).

Escrevendo mais tarde a sua primeira epístola, o apóstolo aconselha: «Chegando-vos para Ele — pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo. Pelo que também na Escritura se contém: Eis que ponho em Sião a pedra principal da esquina, eleita e preciosa; e quem nela crer não será confundido. E assim para vós, os que credes, é preciosa, mas, para os rebeldes, a pedra que os edificadores reprovaram essa foi a principal da esquina;

e uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, para aqueles que tropeçam na palavra, sendo desobedientes; para o que também foram destinados». (1 Ped. 2:4-8).

Interpretação dos Escritores Eclesiásticos

Durante muitos séculos, Cristo foi pelos escritores eclesiásticos considerado como a Pedra sobre que está fundada a Igreja. Mencionamos, a seguir, alguns exemplos:

Hermas — «Ouve: esta Pedra e esta Porta é o Filho de Deus». ⁽¹⁾

S. Hilário de Poitiers — «A pedra é a bem-aventurada e única Rocha da fé confessada pela boca de Pedro». ⁽²⁾ «É sobre esta pedra da confissão que a Igreja está edificada». ⁽³⁾

S. Cirilo de Jerusalém — «As pedras, depois de morte de Cristo, despedaçaram-se por causa da Pedra espiritual (1 Cor. 10:4)». ⁽⁴⁾

S. Basílio de Seleucia — «Ao chamar pedra a esta confissão, Cristo chama Pedro aquele que confessou». ⁽⁵⁾

S. João Crisóstomo — «Levantam-se muitas ondas e assopram grandes tempestades, mas não tememos ser submergidos, pois estamos firmados na Pedra. Por mais que o mar arremeta, não pode dissolver a Pedra. Por mais que se insurjam as ondas, não podem fazer submergir o barco de Jesus». ⁽⁶⁾

«Sobre esta rocha edificarei a Minha igreja, isto é, sobre a fé da confissão». ⁽⁷⁾

«Jesus edificou a Igreja sobre a confissão dele (de Pedro)». ⁽⁸⁾

«Não disse sobre Pedro, pois que não edificou a Sua igreja sobre um homem, mas sobre a fé». ⁽⁹⁾

(1) *Pastor*, Livro III, Semelhança IX.

(2) *Da Trindade*, Liv. II.

(3) *Ibid.*, Liv. VI.

(4) *Catequeses*, XIII, 34.

(5) *Opera*, ed. de Paris, 1622, pag. 142.

(6) *Homilia antes do Exílio*, I, 2.

(7) *Homilia LIII*, sobre S. Mateus.

(8) *Homilia LXXXII*.

(9) *Homilia sobre o Pentecostes*. «No Expurgatório da Inquisição de Espanha feito pelo Cardeal Quiroga, arcebispo de Toledo e Inquisidor Geral, e impresso em Madrid no ano de 1584, em 4. se mandava riscar este lugar de S. João Crisóstomo... As palavras do Expurgatório eram as seguintes: 'Deleantur haec verba: Ecclesia non super hominem, sed super fidem aedificatur'. Esta homilia dão os modernos críticos por espúria e suposta... Mas esse não é o caso. O caso é parecer ao Cardeal Inquisidor digna de se riscar a exposição, que ao lugar do Evangelho dera o imaginado Crisóstomo, por ensinar que a pedra sobre que Cristo fundara a Sua Igreja, não era Pedro, mas a Divindade de Cristo, que Pedro confessara, quando disse: 'Tu es Christus Filius Dei vivi'. P. Antonio Pereira de Figueiredo, *Appendix e Ilustração da Tentativa Theologica*, pags. 240, 241.

S. Jerónimo — «Deus fundou a Sua Igreja sobre esta Pedra, e é desta Pedra que o apóstolo Pedro recebe o seu nome». ⁽¹⁾

S. Agostinho — «A Igreja foi fundada sobre a Pedra da qual Pedro tomou o nome. A pedra não recebe pois o nome de Pedro, mas Pedro da Pedra; assim como Cristo não recebe o Seu nome de cristão, mas o cristão de Cristo. E assim o Senhor disse: 'Sobre esta pedra edificarei a Minha igreja', porque Pedro dissera: 'Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo'. Portanto, diz Ele, sobre esta Pedra que confessaste edificarei a Minha Igreja. A pedra era pois Cristo, e sobre esse fundamento foi edificado o próprio Pedro». ⁽²⁾

«Que significam as palavras, 'Sobre esta pedra edificarei a Minha igreja'? Sobre esta fé, naquilo que disseste: 'Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo'». ⁽³⁾

«Nesta pedra que confessaste edificarei a Minha Igreja, visto que Cristo era a Pedra». ⁽⁴⁾

«Não lhe foi dito: Tu és Pedra, mas: Tu és Pedro, pois que a Pedra era Cristo». ⁽⁵⁾

«Muitíssimas vezes expus que pelo Senhor foi dito, 'Tu és Pedro e sobre esta Pedra edificarei a Minha Igreja', como referindo-se ao que Pedro tinha confessado, a saber, 'Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo'». ⁽⁶⁾

«Tu és Pedro, e sobre esta Pedra que tu confessaste, sobre esta rocha que tu reconheste, dizendo, 'Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo', 'edificarei a Minha Igreja', — sobre Mim, que sou o Filho de Deus vivo; edificá-la-ei sobre Mim, e não a mim sobre ti». ⁽⁷⁾

Interpretando Mat. 16:18, diz: «Eu te digo que tu és Pedro. Visto Eu ser pedra, tu és Pedro, pois que Pedra não vem de Pedro, mas Pedro de Pedra, assim como Cristo não vem de cristão, mas cristão de Cristo. E sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja: não sobre Pedro, que és tu, mas sobre a Pedra que confessaste». ⁽⁸⁾

«Cristo é a Pedra». ⁽⁹⁾

Na Idade Média, é notável o testemunho do teólogo mais representativo da época, *S. Tomás de Aquino*: «É sobre a confissão de Pedro que está edificada a Igreja de Cristo». ⁽¹⁰⁾

Se fizermos incidir a nossa atenção sobre a Península Ibérica, verificaremos que, sobretudo por influência de *S. Agostinho*,

ali prevalece a interpretação de que Cristo é a Pedra sobre que está fundada a Igreja.

Na festa da Cátedra de *S. Pedro*, celebrada a 18 de Fevereiro, o *Breviário Mosárabe* traz a seguinte oração: «Ó Cristo, Filho de Deus vivo, a quem Pedro, firmado sobre a Pedra verdadeiramente confessou, pois que a Pedra não recebe o nome de Pedro, mas Pedro da Pedra, pedimos-Te humildemente, etc.» Noutra oração da mesma festa: «Deus, Filho de Deus, que em Ti, solidíssima Pedra, exaltaste a Pedro e por meio de Pedro a Igreja, auxilia-nos, etc.» Ainda noutra oração do mesmo dia: «Alegramo-nos porque em Ti, Cristo Senhor, que és a pedra firmissima, se consolidou o Teu primeiro apóstolo Pedro, etc.»

S. Isidoro, bispo de Sevilha — «Pedro recebeu o nome de Pedra, isto é, de Cristo sobre quem foi fundada a Igreja. A Pedra não recebe o nome de Pedro, mas Pedro da Pedra, assim como Cristo não recebe o nome de cristão, mas o cristão de Cristo. Por isso diz o Senhor: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra, etc., porque Pedro dissera: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo. E assim o Senhor lhe disse: Edificarei a Minha igreja. A pedra era pois Cristo, e sobre esse fundamento foi também edificado o próprio Pedro». ⁽¹¹⁾

Etério, bispo de Osma — «Quando na Escritura Sagrada se nomeia a pedra no singular, refere-se só a Cristo; quando se nomeiam pedras no plural, exprimem-se os membros, as pessoas, que com o poder d'Ele foram fortificadas. E o que disse a Pedro, 'Sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja', disse-o não só a Pedro, mas a todos nós». ⁽¹²⁾

Afonso Tostado, bispo de Avila — Depois de refutar como improvável a interpretação de que Pedro é a pedra de que fala Cristo, continua: «Outros dizem, e melhor, que a

(1) Livro VI sobre *S. Mateus*, sobre Mat. 16:18.

(2) Sermão XXIV, sobre João 21.

(3) Tratado sobre I Epist. de *S. João*.

(4) Tratado sobre *S. João*.

(5) Retratações, Liv. I, cap. 21.

(6) *Ibid.*

(7) Sermão XIII.

(8) *Opera*, ed. beneditina, Paris 1683, tom. V, pag. 1097.

(9) Tratado CXXIV, sobre João 21.

(10) *Summa Theologica*, quaest. 25, art. 1, tom. III, Ed. de Paris 1631.

(11) *Origens*, Liv. VII, cap. 9.

(12) *Livro contra Felix de Urgel*.

pedra sobre que está fundada a Igreja é Cristo: Sobre esta pedra, isto é, sobre a pedra que confessaste». ⁽¹⁾

Vicissitudes da Interpretação de Mat. 16:18

As vicissitudes da interpretação deste texto estão intimamente relacionadas com as lutas travadas em volta das pretensões do bispo de Roma ao primado da Igreja.

Leão Magno foi um dos primeiros a estabelecer uma relação de continuidade entre Pedro e o bispo de Roma. Apesar disso, interpretou como referindo-se a Cristo, e não a Pedro, esse texto. ⁽²⁾ Assim ensinaram também os papas Félix III ⁽³⁾, Gregório Magno ⁽⁴⁾ e Adriano I ⁽⁵⁾.

No sec. XVI, devido ao surto da Reforma desafecta a Roma, alguns escritores passaram a dar especial relevo à identificação da Pedra com Pedro.

Encontramos depois diversas tentativas para sacudir, dentro do próprio catolicismo, a ingerência demasiada do bispo de Roma fora da Itália. Era natural que nessas ocasiões este texto constituísse objecto de particular discussão.

Foi o que sucedeu no sec. XVII com o movimento da chamada Igreja Galicana. Um dos seus escritores, Launoy, doutor da Sorbona, numa bem documentada obra, apontou mais de quarenta Padres da Igreja que compreenderam a «pedra» como sendo Cristo ou a confissão de Pedro, e apenas dezassete que a relacionaram com Pedro. Outro escritor de tendências galicanas, o Padre Guettée, depois de examinar longamente o testemunho desses dezassete Padres, conclui: «Quanto aos poucos escritores antigos que admitiram este jogo de palavras, deve lembrar-se que nenhum deles interpretou o texto de uma maneira favorável à soberania papal, nem tirou dele as exageradas consequências deste sistema». ⁽⁶⁾

Outro movimento idêntico ao da Igreja Galicana foi o que se esboçou em Portugal no sec. XVIII com o Marquês de Pombal, sob a designação de Igreja Lusitana. Seu teólogo foi o conhecido tradutor da Bíblia,

P. Antonio Pereira de Figueiredo, que sobre o assunto escreveu a *Tentativa Teologica* e o *Apendice e Ilustração da Tentativa Teologica*. Nesta última obra diz ele: «Que quando Cristo disse a Pedro, 'Tu es Christus et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam', se deve aquele 'super hanc petram' entender necessariamente do mesmo Pedro e de seus sucessores; isto tão longe está de ser dogma católico, que antes pelo contrário é exposição probabilíssima e comuníssima dos SS. Padres, a que entende aquele 'super hanc petram' não de Pedro, mas da fé da divindade de Cristo que ele confessou; e que esta fé é a pedra fundamental sobre que Cristo declarou fundada a Sua Igreja». ⁽⁷⁾

No século seguinte, em 1870, no Concílio do Vaticano foi discutida e definida a Infalibilidade Papal. No próprio seio do Concílio levantaram-se vozes discordantes, sustentando que a Pedra não era Pedro. Entre os defensores desse ponto de vista destacaram-se os bispos Strossmeyer e Kenrick. Mas com a definição do Dogma da Infalibilidade Papal o assunto ficou definitivamente sepultado, dentro do catolicismo.

Resumindo o que atrás fica, podemos concluir que, segundo as Escrituras, a Pedra sobre que está edificada a Igreja é Jesus Cristo: assim o anuncia o Antigo Testamento, o reconhece o Novo Testamento por boca de Jesus e dos Apóstolos, dentre os quais se destacou o próprio Pedro. Tal foi igualmente o sentir da Igreja Primitiva. A interpretação de que Pedro é a pedra sobre que está fundada a Igreja, além de abusiva, é tardia.

(1) *Questão LXXVII sobre S. Mat., cap. XVI.*

(2) *Sermão II do aniversário da sua coroação.*

(3) *Epistola V ao Imperador Zenão.*

(4) *Epistola XXXIII, do liv. III à Rainha Theodelinda.*

(5) *Epistola aos bispos de Espanha.*

(6) Abbé Guettée, *The Papacy: Its Historic Origin and Primitive Relations with the Eastern Churches*, translated from the French by A. Cleveland Coxe, New York 1867, pag. 39.

(7) Padre Antonio Pereira de Figueiredo, *Appendix, e Ilustração da Tentativa Teologica*, Lisboa 1768, pagas. 241, 242.

Visado pela Censura

A Divina Arte de Pregar

(Continuação)

por José Pedro Falcão Sincer

Classificação dos temas de sermões

É lendo a Bíblia como acto devocional que se encontram inúmeros textos que podem servir para assunto de um sermão; é visitando o lar dos crentes e observando de perto suas necessidades espirituais que surgirão assuntos aos quais pode aplicar-se um texto.

1. Assuntos doutrinários — A Palavra de Deus; O Problema do Pecado; O Plano da Salvação; Cristo Nosso Mediador; A Oração; O Caminho a Cristo; A Segunda Vinda de Cristo; A Nova Terra; A Lei de Deus; Vida unicamente em Cristo; A Mordomia Cristã; etc.

2. Temas morais relacionados com a conduta e as virtudes cristãs, devendo convencer o povo a praticar no lar, na igreja e na sociedade os princípios do Evangelho. Evitar pormenores e ênfase demasiada ao tratar de assuntos morais.

3. Assuntos históricos tirados da Bíblia e relacionados com assuntos doutrinários e morais e com a história profana, atraem o povo e oferecem excelentes lições da vida humana nas suas relações com Deus e a sociedade.

4. Temas biográficos tirados da vida de homens e mulheres da Bíblia são cheios de lições espirituais e morais emulativas.

5. Temas ocasionais:

a) sermões fúnebres — ocasião propícia para pregar uma mensagem viva a parentes e amigos do morto, para muitos deles única e última oportunidade.

b) sermões congregacionais pregados por ocasião de convenções e congressos em que se focalizam doutrinas ou factos relacionados com a natureza e propósito da reunião.

c) sermões académicos quando têm como auditório estudantes de escolas secundárias e superiores, os quais além de bem ilustrados devem ser curtos, devendo abordar assuntos de vital interesse para a mocidade.

d) sermões para crianças que devem ser proferidos em vocabulário e estilo compreensível à mente infantil e despertar o seu interesse pelas histórias, fábulas e ilustrações e devem ser muito breves.

e) sermões nupciais, também curtos, oferecem oportunidade de expor elevados princípios evangélicos a respeito da vida matrimonial a um conjunto de pessoas que jamais teriam oportunidade de ouvir falar do Evangelho.

f) sermões gratulatórios ou de acções de graças.

g) sermões natalícios ou de aniversários.

h) sermões consagratórios de pastores, anciãos ou diáconos.

i) sermões dedicatórios de templos, colégios, seminários.

j) sermões pastorais quando dirigidos a outros pastores.

O uso do texto e suas vantagens

Texto é o conjunto de ideias e pensamentos que formam o discurso. É ainda o trecho bíblico lido pelo pregador ou o versículo, frase ou até mesmo uma única palavra sobre a qual o pregador desenvolve o sermão.

1. O texto lembra ao pregador que ele está interpretando não palavras humanas mas a Palavra de Deus.

2. O texto dá autoridade à pregação.

3. O texto quando bem escolhido desperta o interesse nos ouvintes.

4. O texto ajuda à compreensão do sermão.

5. O texto desperta o desejo de conhecer mais acerca da Palavra de Deus.

6. O texto proporciona ao pregador ensejo para ensinar as Escrituras.

7. O texto tem ainda a vantagem de deixar gravado na mente dos ouvintes o sermão sobre ele baseado.

8. O texto dá mais variedade ao sermão.

A Importância da Oração

Lembro-me das lindas histórias da salvação em Cristo Jesus, que meu pai me contava na minha infância.

Com razão escrevia o Sábio em Prov. 22:6: «Instrui ao menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele».

Hoje sinto-me feliz em poder ser participante das aflições de Cristo, em favor das almas perdidas no pecado.

Encontramos na Bíblia ensinamentos preciosos acerca dos assuntos que mais importam à nossa salvação. Ela é comparada a um frasco com remédio, que por si mesmo não cura a não ser que o tomemos.

Entre esses ensinamentos destaca-se o da importância da oração.

O apóstolo Paulo, na sua primeira epis-

tola aos Tessalonicenses 5:17, diz: «Orai sem cessar».

Sem dúvida a oração é a chave nas mãos da fé para abrir os tesouros celestes, onde se acham acumulados os ilimitados recursos da Omnipotência.

«E quando orares, não sejas como os hipócritas; pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai, que está em oculto; e teu Pai, que vê secretamente, te recompensará». S. Mateus 6:5, 6.

«Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á». S. Mateus 7:7.

«A oração não vence a relutância de Deus; apodera-se da Sua boa vontade. A oração é o abrir do coração a Deus como a um Amigo. A oração não muda a Deus; muda-nos, porém, a nós, e nossa relação para com Ele. Ela nos põe na corrente das bênçãos e naquela disposição de espírito em que Deus pode, coerentemente e com segurança, assegurar-nos as petições.

«Como oraremos nós de modo a ser ouvidos e a receber auxílio? Antes de tudo, deve haver em nosso coração real desejo. Palavras formais não fazem oração: precisamos querer alguma coisa, e compreender nossa dependência de Deus para obtê-la».

O apóstolo Tiago, na sua epístola, diz: «A oração feita por um justo pode muito em seus efeitos». Tiago 5:16.

Devemos confiar somente em Deus. Em nossas orações não devemos usar monotonia como os incrédulos. Todas as nossas petições devem ser feitas em nome de Jesus.

Prezado leitor, lembra-te de que para poder ter bom êxito na obra de evangelização, nada se consegue «por força, nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos». Zacarias 4:6.

Permita Deus que estas linhas sejam acompanhadas pelo Seu Espírito, para que por meio delas muitas almas sejam ganhas para o Seu reino.

Salomão Bartolomeu Cumilila

A Escolha dos Textos

Para a escolha dos textos é bom seguir algumas regras:

1. Evitar a apresentação de passagens não inspiradas, como palavras de homens ímpios e de Satanás, citadas nas Escrituras.

2. Evitar textos de linguagem pomposa pois nem sempre o pregador estará à altura de manter um sermão no mesmo estilo.

3. Preferir textos claros pois o auditório compreendendo o seu sentido acompanha com atenção o desenvolvimento doutrinário do pregador.

4. Evite textos extravagantes que despertem repugnância física ou moral, que provoquem gracejos e hilariedade.

5. Não evite textos que sejam já muito conhecidos e familiares, mas extraia deles novas lições.

6. Escolha textos tanto do Velho como do Novo Testamentos.

7. Escolha textos que tragam lições e solução aos problemas do povo e os estimule a uma vida de devoção e piedade.

O texto deve ser sempre interpretado segundo as regras da hermenêutica.

O Livro de Job e o Hipopótamo

por Siegfried H. Horn

Em Job 40:15-24 é apresentado um enorme animal, cuja descrição parece adaptar-se bem ao hipopótamo. Durante séculos os comentadores têm explicado que a palavra hebraica *behemoth* empregada nesta passagem se refere ao hipopótamo. Todavia, alguns comentadores têm feito reservas acerca desta interpretação em virtude de se duvidar que o hipopótamo tenha realmente sido conhecido em tempos históricos pelos habitantes da Síria, Palestina ou deserto da Síria a oriente da terra onde Job parece ter vivido. Salientam que a palavra hebraica *behemoth* é o plural feminino de *behemah*, «animal», e não uma espécie definida. Por outro lado, o contexto indica que se descreve aqui um animal definido com características extraordinárias e peculiares, que parecem adaptar-se ao hipopótamo melhor do que a qualquer outro animal.

A dificuldade em aceitar a interpretação de que Job 40 se refere ao hipopótamo reside no facto de que até há poucos anos só se tinham encontrado ossos deste animal em locais pré-históricos ou primitivos nos países da Síria e da Palestina. Por este motivo os zoólogos diziam que o hipopótamo deve ter-se extinguido na Ásia antes do século dezoito a. C.

Este argumento já não é válido. Durante as escavações francesas de Ras Shamra — antiga Ugarit na costa setentrional da Síria — sob a direcção do Prof. C. F. Sehaeffer, foram descobertos ossos de hipopótamo que datavam dos séculos treze e catorze a. C. Depois veio à luz mais evidência na Palestina. Desde 1948 a 1950 realizaram-se escavações em Tell Qasile nos subúrbios ao norte de Tell Aviv, sob a direcção do Prof. Benjamim Mazar, da Universidade Hebraica. No decurso desse trabalho encontraram-se muitos ossos de hipopótamo datando desde o século doze até ao século quarto a. C. Estas descobertas foram publicadas por G. Haas em 1953 no *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, n.º 132, págs. 30-34.

Apesar destas descobertas, têm sido repe-

tidas em várias publicações recentes as velhas ideias acerca da antiga extinção do hipopótamo na Síria e na Palestina. Por exemplo, o *Interpreter's Dictionary of the Bible* publicado em 1962, contém no vol. 2, pág. 250, a seguinte afirmação do conhecido Zoólogo hebreu Prof. F. S. Bodenheimer:

«Para começar temos uma muito antiga identificação errada. O nome *behemoth* em Job 40:15-24 não é o hipopótamo (*hippopotamus amphibius* L.) mas tem o mesmo significado que em todos os outros lugares da Bíblia — a saber, 'animal' ou fera. Tur-Sinai dissipou definitivamente a floresta de preconceitos criados em torno desta errada interpretação (ver o seu Comentário sobre Job)».

Esta afirmação mostra uma vez mais quanto tempo por vezes leva até que os próprios especialistas mudem as suas ideias preconcebidas, ainda que as descobertas arqueológicas provem que estavam errados.

Recentemente veio à luz nova evidência provando uma vez mais a existência do hipopótamo na Síria na altura em que o livro de Job foi escrito. Uma expedição dinamarquesa, dirigida por P. J. Riis, Fundo Carlsberg, realizou escavações em *Tell Sukas* na costa da Síria, cerca de 45 km ao sul de Latakia. Sob as ruínas de um templo românico cujos restos datam desde o terceiro e segundo milénios a. C. vieram à luz numerosos ossos de hipopótamo. No seu relatório preliminar, Riis, director das escavações, expressa surpresa, afirmando: «tem-se pensado que o hipopótamo sobreviveu no período pós diluviano apenas em África, e por esse motivo a descrição do *beemoth* no livro de Job (cap. 40) tem criado grandes dificuldades. As nossas descobertas em Sukas provam que houve de facto hipopótamos na Síria, num tempo muito posterior, e que este animal se extinguiu apenas «depois de 1000 a. C.» (*Achiv für Orientforschung*, vol. 21, (1966), pág. 195).

Uma vez mais a espada do arqueólogo reivindicou a exactidão das Sagradas Escrituras.

Alimentos de que as Plantas Necessitam

por José de Sá

Falámos da necessidade de boa preparação do terreno como indispensável ao bom desenvolvimento e produção das plantas. Comparámos essa necessidade à que as pessoas têm de uma boa casa, arejada, bem iluminada e limpa. Isto, porém, não é suficiente. Uma e outras não podem viver sem alimento e água.

As plantas, além da conveniente preparação do solo, necessitam de água e de quinze diferentes espécies de alimentos. Três elementos recebem do ar e da água: o oxigénio, o carbono e o hidrogénio. Os restantes doze elementos, obtidos pela planta através das raízes, são provenientes de substâncias orgânicas e minerais existentes na terra. Destes, os três mais importantes são: o nitrogénio, o fósforo e o potássio. Os outros citam-se a título de curiosidade, para os que tenham interesse em conhecê-los: cálcio, magnésio, enxofre, ferro, bório, molibdénio, zinco, cobre e manganês. A terra está fornecida de bastante reserva destes elementos, em parte pela decomposição da matéria orgânica (folhas e restos de plantas e da cozinha) pelo gradual desprendimento dos minerais, e em parte pelo uso de certas plantas, como feijão, ervilhas, soja, grão de bico, trevo, luzerna, etc., por estrumes e adubos químicos, e ainda por substâncias calcárias e pela chuva, que fornece à terra uma considerável porção de nitrogénio e enxofre.

Os três elementos mais necessários, como já dissemos, são: o nitrogénio ou azoto, o fósforo e o potássio.

Nitrogénio

Há plantas que necessitam de grandes quantidades de nitrogénio no terreno. Outras, como os legumes, extraem-no do ar.

O nitrogénio é fornecido às plantas pelas azotobactérias, que o extraem do ar e o fixam no solo, pelo estrume de animais, especialmente pela urina, e ainda quimicamente pelo sulfato de amónio.

O nitrogénio ajuda as plantas a desenvolverem as folhas. Por isso, plantas com muitas folhas e de rápido desenvolvimento precisam de grandes quantidades deste elemento. O milho e as couves estão entre as plantas que dele carecem em quantidades maiores. O milho, as couves e as bananeiras com folhas pouco desenvolvidas e amarelas têm falta de nitrogénio.

Os legumes precisam de um pouco de nitrogénio durante os primeiros dez dias, enquanto não começam a extraí-lo do ar.

Fósforo

A necessidade que as plantas têm de fósforo é de cerca de um quinto a um décimo da quantidade necessária de nitrogénio.

Os principais fornecedores de fósforo para o solo são, por ordem decrescente, as rochas fosfatadas, a farinha de ossos, restos de animais mortos ou de seus produtos, e restos de aço das indústrias metalúrgicas.

Embora em menor quantidade do que o nitrogénio, o fósforo é tão necessário às plantas como este. A sua falta faz com que as plantas fiquem raquiticas e com que as partes inferiores das folhas fiquem descoloridas. O tomate é um tipo de planta reveladora da falta de fósforo, quando se apresenta mal desenvolvido e com as folhas descoloradas.

Este elemento ajuda o bom desenvolvimento das raízes, dos grãos ou sementes e frutos. O trigo, por exemplo, usa bastante fósforo da terra.

Potássio

O terceiro elemento indispensável ao bom desenvolvimento das plantas é extraído de alguns minerais, como a sílica, o feldspato, a mica e outros. As águas do mar também têm grande quantidade de sulfato de potássio. A cinza também fornece quantidade de potassa ou um elemento de potássio. O es-

Continua na pág. 16

Através da Seara de Angola

A Bíblia atirada para o chão

Certa noite, em Fevereiro deste ano, de domingo para segunda-feira, Manuela, depois de um trabalho exaustivo, despediu-se das suas amigas, D. Lourdes e Belita, que a visitaram naquela noite.

Eram cerca das vinte e duas horas e trinta minutos, quando, já no seu quarto de dormir, se ajoelhou, como era seu hábito, em oração perante Deus. Mal se deitou na cama, teve a sensação de que algo de anormal se passava lá fora. Não se enganara.

Além dos latidos sucessivos do cão de guarda, ouvira nitidamente os passos de pessoas estranhas que andavam ao redor da casa. De súbito bateram à janela; a jovem, porém, não respondeu. Os irmãos mais novos já dormiam profundamente. Uma pancada mais violenta dada na porta de acesso à sala de jantar, fê-la estremecer! Um grupo de quatro salteadores invadiu a casa. Acenderam a luz dos quartos e um, munido de uma arma branca na mão, assentou-se na cama junto aos pés de Manuela, enquanto que dois buscavam os objectos que mais lhes convinha, o quarto fazia de sentinela do lado exterior da residência.

O pai e mais um mocetão que vivia com eles tinham ido trabalhar. A mãe se encontrava ausente, em casa da comadre, nos preparativos do almoço de aniversário do marido e de um dos filhos, que faziam anos nesse mesmo dia. Contudo a sua residência, onde se efectua semanalmente a Escola Sabatina, não estava somente entregue aos filhos indefesos, como parecia; Deus protegia-a.

Entretanto, os intrusos, abusivamente, activados pelos grilhões da força do mal, rebuscavam todos os cantos dos móveis, sem o menor respeito pelos bens do próximo, adquiridos com tanto sacrifício. A jovem, cheia de fé em Deus, mantinha-se calma, com os olhos semi-abertos sem perder um único gesto dos assaltantes. Abriram a sua pasta e dela tomaram a Bíblia que foi atirada para o chão e arrecadaram trinta e três escudos da colecta da Escola Sabatina do dia anterior, o único dinheiro que encontraram.

Manuela, ao ver o seu Livro Sagrado, o seu eterno guia, atirado para o chão com

tanto desprezo, perdeu a serenidade e quis reagir; porém, algo mais poderoso deteve-a. Não tardou a chegarem-lhe aos ouvidos duas vozes bem conhecidas de dois jovens, que regressavam do trabalho.

Os infelizes joguetes do maligno, ao sentirem-se surpreendidos sem o prévio aviso do vigia, ficaram deveras atrapalhados. Tentaram a fuga precisamente pela porta por onde os recém-chegados iam a entrar — Foi tremendo o choque! António e Quim ficaram perplexos com o inesperado encontro. Entretanto, os salteadores fugiram pela porta oposta, que já tinham aberta para esse fim, excepto o principal da quadrilha: ficou de tal maneira desorientado, que não achou saída em parte alguma.

Momentos depois, chegaram o Senhor Marques e a Senhora D. Margarida, sua esposa que, apesar de encontrar tudo em desordem, deu graças a Deus por não terem tocado nos seus filhos.

Ao efectuarem o balanço das coisas em falta, a D. Margarida foi encontrar o estranho personagem oculto por detrás da roupa do guarda-fato. — «Não me façam mal! Eu conto tudo» — implorou ele cheio de medo. De facto, não mentiu; ainda era de madrugada já os outros estavam capturados e encontrados pela polícia muitos objectos provenientes de vários roubos.

Quando a polícia chegou a casa de Manuela para identificar os presos, António reconheceu a sua bicicleta roubada havia já alguns meses.

O assalto a este lar adventista, aparentemente, não tem nada de extraordinário, parece tão vulgar como tantos outros. Porém, se penetrarmos no âmago deste caso, achamos uma causa: com coisas sagradas não se deve brincar.

Os antecedentes deste grupo de malfeitores, desvendados pela polícia, são espantosos! Arrombaram portas e janelas em diversas residências, rebuscando em todos os quartos, cujos donos dormindo profundamente, não davam fé de coisa alguma. Com a mesma ousadia abriram a pasta da jovem Manuela, atirando para o chão a Bíblia Sagrada e roubaram o dinheiro da colecta da Escola Sabatina. Mas depois, as consequências foram graves: acabaram por serem

capturados infantilmente.

Teriam eles facilitado? E como se justificam o desleixo do sentinela, o choque na porta entre eles e os jovens, a desorientação do homem encontrado no guarda-fato, a apatia dos outros que já se achavam livres de perigo, a bicicleta? Será tudo isto mera coincidência? O Livro de Gênesis responde a esta pergunta no Cap. 19:11 «E feriram de cegueira os varões que estavam à porta de casa, desde o menor até ao maior, de maneira que se cansaram para achar a porta».

José Duarte

A Fidelidade de Júlia

Júlia Fei Jeremias é um membro da Igreja Adventista do Mungo.

Quando chegou a idade suficiente para casar-se, foi pretendida por um rapaz de outra igreja. Nessa altura o pai desse rapaz deu ao pai de Júlia 350\$00 como presente.

Júlia via que não ia poder guardar o Sábado e por isso, embora gostasse do rapaz, pediu ao pai para devolver o dinheiro recebido.

Disse ela ao pai: «Nunca vi o cemitério das raparigas que morreram por não terem casado. Antes quero esperar, até encontrar um rapaz adventista, do que casar com quem não é da minha fé».

O pai teve de correr de um lado para o outro à procura dos 350\$00 que o rapaz deu de presente pela menina.

A Júlia hoje está muito contente por o pai ter devolvido esse dinheiro. Diz ela: «Eu gostava do rapaz, mas gosto mais da minha religião do que dele».

Júlia ainda não casou, porque no Mungo não há rapazes adventistas.

Prezado leitor, nas tuas orações não te esqueças dos jovens adventistas para que Deus os ajude a ficar fiéis.

Dinis Capiñala Java

Cooperando com as autoridades

«Cooperai com a autoridade e ela cooperará também convosco». Assim se expressava certo digníssimo Administrador, ao despedir-se do senhor Pastor Isaías Messele

e dos seus dois obreiros da área do Balombo.

Não passou muito tempo até se dar o seguinte acontecimento:

A distância de um quilómetro da minha catequese encontrou-se um corpo morto enterrado na areia do rio engrossado pela chuva. Oh! Era uma pessoa! Só aparecia uma mão por cima da areia na margem direita do rio.

Os que primeiro viram isto nada disseram. Só vim a descobrir o segredo três dias depois. Fiquei muito preocupado com aquilo e não tardei em ir dar conhecimento do caso ao Exmo. Sr. Administrador, empregando para esse fim um veículo.

Quando regresssei com as autoridades, a maior parte das pessoas tiveram medo e esquivaram-se.

Passada uma semana, o Sr. Administrador e o Sr. Doutor descobriram maravilhosamente o homicídio, e chamando-me louvaram a minha fé publicamente.

Disse o apóstolo Paulo na sua carta aos Romanos 13:1-3: «Toda a alma esteja sujeita às potestades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus... Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem e terás louvor dela».

Quem louva a nossa fé louva o nosso Deus. Deus seja louvado.

Quelino Viagem Jacob

A Deus tudo é possível

Vou falar-vos de Tiago Fungula. Esse homem era pagão e tinha uma aldeia grande.

Resolvi ir falar com ele e convidá-lo a aceitar a Cristo.

Ele respondeu, zangado: «Isso é impossível, porque aqui é um centro de cachipembe, batuques e ídolos».

Entreguei então o assunto nas mãos de Deus.

Quando com ele falei segunda vez, vi que não estava zangado e duro como anteriormente e respondeu-me o seguinte: «Concordo que venha um obreiro, só para meus filhos e sobrinhos. Eu e meu irmão não podemos ser adventistas, porque proibem as coisas acima mencionadas».

Então perguntei-lhe: «Mas qual é a vantagem dessas coisas?»

Continua na pág. 16

Notícias do Campo

Maria Leonilde Tavares

No dia 1 de Maio deslocou-se a Ir. Leonilde Tavares para o Bongo, onde ficará leccionando no Instituto até ao fim do corrente ano lectivo.

João Cordas Tavares

O Ir. João Cordas Tavares, acompanhado de sua Família partiu em 4 de Maio para a Missão da Namba, onde ficará a dirigir o respectivo Campo Missionário.

Maria Adelaide Bastos de Carvalho

Em 15 de Maio voltou a ocupar-se da Escola Rádio-Postal a Ir. D. Maria Adelaide Bastos de Carvalho, há pouco regressada da Metrópole.

tas diferentes apresentações puderam os Irmãos colportores corrigir alguns defeitos que, intuitiva e imperceptivelmente, são adquiridos, emendar os seus métodos de apresentação.

Estamos gratos a Deus por haver impressionado estes Irmãos a dedicarem as suas vidas ao trabalho da colportagem, que é «um meio poderoso para mover a mente e o coração do povo» (*O Colportor Evangelista*, Pág. 148).

Oremos por eles para que Deus os revista do Seu Espírito e os use como Seus instrumentos para levarem a mensagem da Verdade às almas que doutra forma, nunca poderiam ser alcançadas.

Juvenal Gomes

Campo Missionário de Nova Lisboa



Escola Central de Chitata — Casa de Professor

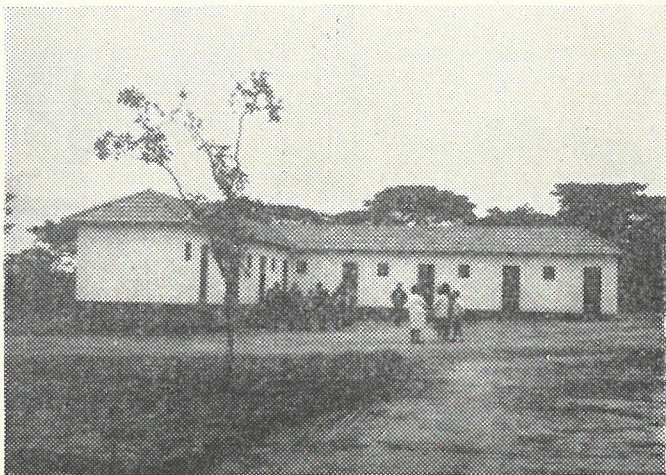
Escola Central da Chitata — Em cumprimento da ordem do Mestre, que diz: «Portanto, ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado», o irmão Pastor Leonardo Chicondo, nas suas viagens missionárias, encontrou uma aldeia chamada Chitata sem a luz do Evangelho.

Procurou falar com o povo a respeito das boas novas que ele trazia, mas os habitantes não mostravam nenhum interesse, porque diziam que já eram baptizados desde bebés. Depois de algum tempo, houve alguns que se interessaram por receber a luz do Evangelho.

Convenção de Colportores

Realizou-se em Luanda, no dia 1 de Maio, uma convenção de colportores, estando presentes os seguintes Irmãos: Manuel de Carvalho, José Correia Leite, Joaquim Dias, Silvestre de Sousa, Manuel de O. Matos, Lourdes Costa e Maria José Santos.

Abriu a Convenção o Pastor Ernesto Ferreira com um estudo sobre a «Vocação do Colportor». Foram focados os principais aspectos do trabalho da Colportagem pelos pastores E. Ferreira, E. L. Jewell e o signatário. Uma parte do dia foi consagrada à maneira de apresentar os livros ao cliente e em que tomaram parte todos os Irmãos colportores. Por es-



Dormitório das Meninas da Central de Chitata

Chegou o tempo das Campanhas Evangélicas. O Pastor L. Chicondo, juntamente com o Pastor Esaú Isaías, que ainda naquele tempo era evangelista, resolveram realizar uma Campanha Evangélica na aldeia de Chitata. Passou-se isto em meados de 1965.

Na primeira semana da Campanha, foi muito difícil juntar povo para assistir às reuniões bíblicas. Quando os obreiros preparavam as fogueiras para dar luz e calor aos ouvintes, os chefes das danças também começavam a tocar os batusques para interromper as reuniões e para, ao mesmo tempo, impedir as pessoas de assistirem. Satanás, muito astuto, fez tudo quanto pôde para apagar a luz do Evangelho. Todavia triunfou a palavra de Deus nesta localidade.

«Assim será a palavra que sair da Minha boca; ela não voltará para Mim vazia, antes fará o que Me aprez, e prosperará naquilo para que a enviei». Isaías 55:11.

No fim da Campanha, foi escolhido como obreiro dessa aldeia o Ir. Carlos Sequesseque.

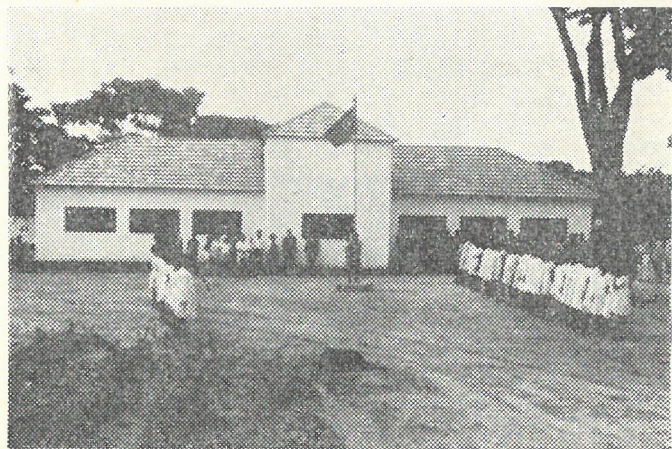
A União dos Adventistas do Sétimo Dia resolveu construir uma Escola Central além Cunene. O Sr. Pastor Ernesto Ferreira, como director geral das Missões Adventistas, deslocou-se de Nova Lisboa, para ir procurar o melhor sítio para esse fim, acompanhado pelos Irs. Pastores Armando A. Pires, Samuel S. Siria e Maurício Nunes. Como não tiveram bastante tempo, voltaram sem encontrar o lugar próprio.

Veio mais tarde outro grupo para continuar as pesquisas. O Ir. José Eduardo, acompanhado pelos Pastores, vieram marcar a aldeia de Chitata como lugar para a Central. No mesmo ano foram levantadas as paredes da Escola e dois dormitórios.

A Escola tem duas salas de aula, um escritório e um «Hall». Os dormitórios para ambos os sexos têm, cada um, nove quartos.

No dia 11 de Dezembro de 1966 procedeu-se ao acto da inauguração, no qual tomaram parte os Pastores Ernesto Ferreira, E. L. Jewell e Joaquim Alegria Morgado e suas respectivas famílias.

A cerimónia da inauguração foi magnífica.



A Central Adventista de Chitata no dia da inauguração

Nesse mesmo dia começou a funcionar a escola e as duas residências para os obreiros.

Como visita especial na cerimónia inaugural esteve o Ex.^{mo} Senhor Administrador do Posto do Chipindo, acompanhado pelas pessoas amigas daquela vila.

Actualmente temos 63 rapazes e 13 meninas a frequentar a Escola Central de Chitata.

O director desta escola é o Pastor Domingos Paulo, que tem a colaboração dos professores Vitorino Evaristo e Lídia Domingos.

Na área em que se encontra esta escola vivem ovimbundos, quiocos e nyembas. Todas estas tribos precisam de conhecer a Jesus como seu bendito Salvador pessoal.

Temos 29 membros de igreja que assistem diariamente aos cultos e 150 membros da Escola Sabatina.

Embora com dificuldades, a Obra de Deus tem de ser levada avante.

«Porque com alegria saireis, e em paz seireis guiados: os montes e os outeiros exultarão de prazer perante a vossa face, todas as árvores do campo baterão as palmas». Isaías 55:12.

Samuel Sequeira Siria

Campo Missionário de Quilengues

Catequese de Monengolo — Desde 1955 este lugar tem estado desamparado, em virtude de o obreiro que ali se encontrava ter preferido ir para a cidade, a fim de ali ganhar mais recursos. Desde aquele ano, nunca mais figurou o nome de Monengolo na nossa lista de catequese.

Esse nome, porém, ainda existia no registo do Céu. Que se passou?

No princípio do ano passado, veio dali uma mulher doente, para o dispensário da Missão do Quicuco. Infelizmente, não encontrou a Sr.^a Enfermeira.

Como ficou hospedada em casa do Ir. Gabriel Domingos Baptista, no dia seguinte esse irmão falou-me daquela senhora e da sua doença. Resolvi então visitá-la. Senti muita pena de a ver naquele estado e de a Sr.^a Enfermeira se encontrar ausente. Por meio da dona daquela casa, perguntei-lhe há quanto tempo estava doente. Seria como aquela mulher de que fala Marcos 5:25, 26? Não! Ela estava doente havia poucos meses.

Depois de receber as informações, saí para o mato com o Ir. Baptista, apanhei algumas raízes e dei-as à doente para tomar com água morna. Graças a Deus, poucos dias depois ficou boa. Nem foi preciso ir ao Dispensário.

Ela perguntou se era preciso dar alguma coisa, mas não admitimos. Só lhe foi dito que entregasse o Seu coração a Deus, o Dono da Natureza.

Passado algum tempo, quando menos o esperava, recebi um reca-

do para ir a Monengolo explicar bem quem é o Dono da Natureza.

Alegremente, sem tardança, convidei o Ir. Baptista, e fomos lá. Ali passámos dois dias. Com muita atenção, escutaram bem a explicação que demos de Deus e das Suas obras. Vendo o interesse deles, não os pude abandonar mais e continuei a visitá-las.

O Ir. Baptista foi sempre meu companheiro de jornada. Quando chegou o mês de Setembro, saímos ambos numa tarde de sexta-feira para visitar aquela aldeia. No meio do caminho, Satanás quis impedir as nossas interessantes reuniões naquele lugar partindo uma peça da nossa motorizada. Mas não conseguiu desanimar-nos. Resolvemos deixá-la numa cubata, e continuámos a nossa viagem a pé, com os nossos embrulhos às costas. Continuámos assim, andando 40 quilómetros cada fim de semana durante o referido mês.

Na última viagem que fizemos a pé, fomos tão cansados, esfomeados e cheios de sede, que, chegando a uma mulola, nos sentámos na areia para descansar e começamos a cavar com as mãos à procura de água. Pouco depois, o meu companheiro desceu o leito do rio, e a pouca distância encontrou um poço já cavado e que tinha água mesmo à mostra. Sem mais tardar, tomou duas canecas daquela água e chamou-me para beber também. Depois, continuámos a nossa viagem.

Dentro em pouco, vi o meu companheiro a transpirar e a deitar baba, e falava com muita dificuldade. Eu, todo atrapalhado, esquecido da fome e da sede, logo me lembrei das palavras de Jesus em Marcos 16:17, 18, e em oração silenciosa entreguei a dificuldade nas Mãos Poderosas e alguns momentos depois o meu companheiro começou a recuperar a saúde e força. Afinal alguém tinha lavado naquela água panos imundos. Como Satanás não conseguira enfraquecer-nos no caso da avaria da motorizada, então arranhou outro processo para ver se nos enfraquecia, mas esqueceu-se do Salmo 34:7: «O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem e os livra». E assim continuámos a nossa viagem, louvando o nome de Deus pelo caminho.

Hoje Monengolo é uma escola autorizada, com alunos suficientes para um monitor e membros na Classe de Ouvintes entregues ao cuidado do Ir. Castro Capica.

Por causa da doença daquela mulher, Monengolo figura hoje outra vez na lista das nossas catequeses.

Irmãos membros leigos, sustentemos as mãos dos obreiros para ficarem firmes até ao fim e irem à procura das ovelhas abandonadas. Mateus 10:6.



Grupo de Jovens de S. Tomé

Missão de S. Tomé

Com a visita do Pastor Joaquim Morgado, Secretário dos Departamentos da nossa União, em meados de Abril de 1967, começou uma nova época de entusiasmo para todos os Departamentos nesta Ilha, mas em especial queremos falar da Juventude.

As ideias claras, encorajamento e sugestões trazidas pelo nosso Chefe dos Departamentos levou os encarregados dos M. V. local a querer fazer algo de novo e de muito mais eficaz pela Juventude, e através desta, pelos outros a quem a Juventude pode alcançar. Fazendo pois, do livrinho, «Plano de Evangelismo para a Juventude, 1967», o nosso guia, seguimos o *Plano A* que abrange os meses de Janeiro a Março de cada ano. Conforme este plano, cinco grupos de jovens desempenharam-se na «Operação Lareira», que terminou na primeira semana de Abril com a Semana de Oração da Juventude. Terminou em cheio, com a festa de inauguração das nossas fardas completas, que a maior parte dos jovens já nessa altura puderam estreiar. Devemos salientar que as fardas foram conseguidas unicamente com o sacrifício pessoal de cada jovem interessado.

Como sempre sucede quando os jovens se aplicam de alma e coração, é-nos muito grato assinalar que os seus talentos estão a multiplicar. Têm aparecido bons declamadores, surpreendentes professores de estudos bíblicos, e, o que muito nos encanta, é o se ter despertado também talentos musicais que nunca supzêramos existir.

As reuniões dos Jovens fazem-se com toda a regularidade, quinzenalmente, e vão sempre acompanhadas de muito interesse e entusiasmo. Estão em actividade várias Equipas de Amizade», que têm obtido resultados muito gratos. «A Voz de Amizade», está também nos nossos planos, e dada a natureza desta actividade, estamos, por agora, a ensaiar-nos em conjunto, para em breve, repartidos em grupos,

Zeferino José

irmos testemunhar da nossa Fé pelos aglomerados de casas que se espalham entre as vilas, escondidos sob o denso arvoredo desta Ilha.

Prevalece um espírito de muita amizade e grande entusiasmo entre a nossa Juventude que está a contagiar a todos os membros da nossa Igreja. Os pais dos jovens trazem visitas para assistirem às actuações dos seus filhos. Os M. V. são um vínculo extraordinário para unir a Igreja, e para aumentar o número de visitas e interessados. Em consequência, novos interessados no «Curso de História Sagrada» têm sido inscritos, o que explica o grande número de alunos do curso por correspondência de S. Tomé.

Todos os esforços empregados com a Juventude têm sido grandemente recompensados, e não queríamos deixar passar esta ocasião para dar das nossas notícias aos Jovens da nossa grande União Angolana. Ao terminar daremos ainda mais este testemunho: Ao recuperarmos jovens que nos tinham deixado, temos podido verificar que há atractivos e compensações espirituais que fortalecem, encorajam e confortam a alma que só se encontram aos Pés de Cristo, e que os prazeres vão do mundo não podem destronar.

O director dos Jovens
Professor Manuel Graça

ATRAVÉS DA SEARA DA ANGOLA

Continuação da pág. 12

E ele começou a contar-me: «Quando as minhas duas mulheres fazem cachipembe, vendem e ganho dinheiro e bebo; quando vendem o amendoim e a crueira, dão-me todo o dinheiro e enriqueço».

Disse-lhe eu: «Mas que aproveita ter essas coisas todas, se perderes a tua vida?»

Pasmado, respondeu: «Se eu confiar na riqueza vou perder a vida? Que devo então fazer?»

Disse-lhe: «Abandona tudo isso, faz que a tua aldeia seja um centro de Deus e terá riquezas no Céu. As riquezas deste mundo nada aproveitam».

Agora Tiago é um forte membro de igreja e século respeitado na Obra. A Deus tudo é possível.

Mateus Calema

NOÇÕES DE AGRICULTURA

Continuação da pág. 10

trume de animais é ainda uma boa fonte de potássio.

Este elemento ajuda as plantas a produzirem bem e bons frutos, e ainda protege as plantas contra determinadas doenças. As batatas e os tomates carecem de bastante potássio para seu bom desenvolvimento. A sua falta determina certas anomalias nas plantas: folhas das batateiras com rugas e extremidades encaracoladas, e folhas da planta do milho descoradas entre as veias e extremidades queimadas (secas e amareladas) são indicativos dessa falta. Uma espiga de milho apenas meio criada e com poucos grãos mal desenvolvidos é ainda outro sinal.

Com estes ligeiros conhecimentos podemos voltar a falar da rotação das lavras.

Já vimos que o milho figura entre as plantas que necessitam de muito nitrogénio e menos fósforo e potássio. Se insistirmos em semear milho anos seguidos na mesma lavoura, esgotamos esta de nitrogénio, ou então temos de lhe fornecer este elemento, quer por meio de muito estrume de animais, quer por meio de adubo comercial.

Se plantarmos batatas ou tomates, ou ambos, na mesma lavoura dois ou mais anos seguidos, sendo que estas plantas usam muito potássio, esgotamos as reservas deste elemento e há que fornecê-lo à terra com estrume ou adubo químico. Além disso, as batatas ou tomates não devem ser semeados em anos seguidos na mesma lavoura porque, sendo facilmente atacados por doenças, os micróbios permanecem na terra e continuam a atacar essas plantas, e chegam mesmo a inutilizar a terra para outras culturas. Por outro lado, mudando de cultura, ajudamos a terra a debelar aquelas doenças, que não se desenvolvem bem noutras espécies.

Assim, a maneira ajuizada de usar uma lavoura de modo a não esgotá-la é dividi-la em quatro porções relativamente iguais e plantar numa, milho; noutra, feijão, soja ou qualquer outra leguminosa; noutra, trigo ou centeio; noutra, mandioca, batatas ou tomates. Esta ordem pode ser alterada conforme a necessidade ou conveniência do agricultor ou ainda conforme a espécie de produtos cultivados.